

Hildo Honório do Couto *Processos de radical-crique,*

O QUE É PORTUGUÊS BRASILEIRO. SP, *1976.*

Vai ter uma pequena surpresa quem ler este livro esperando ilustrar-se sobre o Português do Brasil, sua especificidade em face de outras modalidades do Português, as condições peculiares que acompanharam a <sup>SUA</sup> implantação ~~nessa língua~~ na América, etc. Afinal, não é o que o título prometia? Pois o leitor terá de contentar-se com mais uma discussão sobre a norma pedagógica do Português. É a norma culta que ataca de novo! "desta vez vem embrulhada numa série de simplificações, enganos e avaliações injustas <sup>sobre as</sup> pesquisas linguísticas em curso no país.

O Prof. Hildo H. do Couto reconhece que é preciso partir sempre de uma "orientação teórica segura" (p. 108). Mas não situa a norma <sup>culta</sup> numa teoria da variação linguística, sem a qual é impossível dizer coisa com coisa a propósito de ~~uma coisa~~ <sup>este</sup> assunto.

Sabe-se que as línguas representam verdadeiros feixes de variantes. O Português, como as outras línguas, varia no tempo (donde o português medieval, clássico, moderno e contemporâneo), no espaço geográfico (português europeu, americano, africano, cada qual com seus diversos falares), no espaço social (português culto ou português padrão, português inculto ou popular), no espaço interindividual (português formal ou tenso, português informal ou distenso) e de acordo com o canal que foi escolhido para a comunicação (português oral, português escrito - este com sua variedade estilizada, conhecida como português literário).

A norma culta ~~é a variedade praticada pelas classes escolarizadas.~~ <sup>Ela se fundamenta</sup> ~~portanto,~~ num conceito sócio-cultural. Ao manifestar-se na vida diária, falando ou escrevendo, essas classes produzem a norma culta real ou objetiva. Refletindo sobre as formas linguísticas que consideram adequadas a cada situação de uso, essas classes configuram a norma ideal ou subjetiva.

O ensino escolar explora essa dupla face da norma, mostrando suas correlações com as outras variedades linguísticas e com as diferentes situações ~~da~~ da vida em sociedade. Se o aluno procede de um meio escolarizado, ele aprenderá a aceitar as outras variedades como manifestações legítimas da sociedade nacional compreendida em seu todo. Se ele procede de meios não escolarizados, será iniciado numa espécie de "bilinguismo interno", o qual lhe dará as condições para interagir eficientemente com ~~as~~ <sup>as</sup> ~~classes~~ <sup>as</sup> ~~escolarizadas.~~ <sup>classes escolarizadas.</sup>

A norma culta, assim, não é inflexível, e sujeita-se igualmente ao fenômeno da variação: ela é determinada variedade diacrônica (é a modalidade contemporânea, e por isso não deve fundamentar-se nas normas do passado), é uma variedade sincrônica <sup>com</sup> ~~em~~ seus parâmetros social (é a linguagem das classes escolarizadas), interindividual (há uma norma culta formal e uma norma culta informal), de canal (há uma norma culta oral e uma norma culta escrita) e geográfico (há uma norma para o português europeu, outra para o português africano e outra para o português brasileiro; neste caso, <sup>como existe</sup> ~~ocorrendo~~ no país mais de um centro irradiador de

cultura, é de supor-se a ocorrência de mais de uma norma oral diferente, unificadas provavelmente na modalidade escrita).

O Prof. Hildo H. do Couto menciona alguns ~~destes~~ desses argumentos, mas não tira deles as conseqüências esperadas: ~~mas~~ Ele desloca a linguagem do social para o econômico, vinculando ~~o~~ a mudança lingüística às mudanças econômicas, e afirmando que "se as forças de produção e as relações de produção apresentam um ritmo acelerado ou lento de desenvolvimento, o mesmo sucederá com o desenvolvimento lingüístico" (p. 34). Por esta ~~teoria~~ "teoria" os ~~brasil~~ brasileiros que vivem da extração da castanha-do-pará falam uma língua incompreensível para os metalúrgicos do ABC. Outra lição pitoresca é a seguinte: "a língua é o reflexo da sociedade em que é usada. Se esta for rica, economicamente forte, a língua será necessariamente complexa e sofisticada. Se for pobre, de desnutridos e subnutridos, a língua será simples, sem grandes pretensões à universalidade" (p. 84). Qualquer aprendiz de lingüista sabe que ~~as~~ <sup>as</sup> línguas ~~seja~~ <sup>seja</sup> dos povos ágrafos, seja dos povos de grande tradição escrita, ~~sempre~~ <sup>sempre</sup> ~~sempre~~ construções altamente elaboradas, e "língua simples" não passa de um mito, coisa de leigos. ~~Entretanto~~ Entretanto, mesmo quando se aproxima do critério social, o autor escorrega lastimavelmente. Ele diz, por exemplo, que na classe A "temos o nível de linguagem culta (literária, erudita, alta, A)". Essa linguagem "é altamente formal e praticamente não varia de uma região para outra" (p. 64). Depreende-se disto que a classe A nunca fala, só escreve, e ainda assim produzindo literatura. E jamais se descontrai! Já a classe B pratica um "tipo de linguagem que não compromete nem por excesso de formalidade (como ocorre com A) nem por excesso de "vulgaridade" (como ocorre com C)". Já imaginou, leitor, uma classe que está sempre em cima do muro! E o que significa em termos lingüísticos dizer que na linguagem da classe ~~C~~ <sup>C</sup> Entendendo a norma culta como uma sorte de bicho empalhado, não admirá que o autor se atrapalhe na avaliação de projetos ~~de~~ de descrição dessa variedade, como é o caso do Projeto ~~de~~ de Estudo da Norma Lingüística Urbana-Culta: Concordo com ele em que esse projeto poderia ~~ir~~ <sup>ir</sup> caminhar mais depressa. Mas não entende como ~~poderia~~ <sup>se</sup> conseguir ~~isso~~ <sup>isso</sup> se, em vez de deter-se no estudo de cinco cidades, o projeto fosse "levar em conta a linguagem usada pelas pessoas cultas do país inteiro" (p. 77). A acusação de ~~elitismo~~ "elitismo", p. 58, completa o tom demagógico do livrinho, e cai completamente no vazio ao voltar-se ~~contra~~ <sup>contra</sup> um projeto que declaradamente objetiva identificar a norma ~~praticada~~ <sup>praticada</sup> ~~nas~~ <sup>nas</sup> cinco cidades sob estudo. Ele lamenta a não inclusão de cidades como Goiânia, Londrina, Belo Horizonte. Bem, a metodologia desse projeto ~~foi~~ <sup>foi</sup> publicada repetidas vezes, e o Prof. Hildo H. do Couto, se quiser, poderá aplicá-la ~~a~~ <sup>a</sup> todas as demais cidades brasileiras. Fihalmente, ~~como~~ <sup>como</sup> não vejo de onde o autor tirou a idéia singular de que ~~se~~ <sup>se</sup> pretende impor a norma dessas cidades ao restante do país (p. 77).

Há "excesso de vulgaridade"?

Confundindo-se em conceitos lingüísticos básicos, repisando argumentos há muito desaparecidos (v. seus engraçados ataques à ~~FKK~~ "fúria purista" e às polémicas gramaticais), ~~xxxxxx~~ ignorando estudos sérios diretamente ligados ao seu tema, este trabalho em nada contribui para o avanço dos nossos conhecimentos sobre o Português do Brasil.

Ataliba T. de Castilho